0093 - Lívia Gonçalves Magalhães

Modalidade: Comunicações Individuais

Autora: Magalhães, Lívia Gonçalves
Nível: Doutoranda em História
Instituição: Universidade Federal Fluminense – UFF

O poder na torcida: líderes militares e as Copas do Mundo - Brasil 1970 e Argentina 1978.

Resumo:
Esta comunicação é parte de minha pesquisa de doutorado, "Copa do Mundo e sociedade na América Latina: Brasil e Argentina na década de 1970". A proposta nesta instância é mostrar alguns avanços da pesquisa em curso, neste caso uma comparação entre os discursos dos presidentes de cada país, o General Emílio Garrastazu Médici do Brasil e o General Jorge Rafael Videla da Argentina durante o torneio futebolístico e após a conquista pela seleção nacional das Copas de 1970 e 1978, respectivamente. O objetivo é comprar como os discursos utilizam o êxito esportivo a favor da imagem oficial e do projeto nacional que possuíam os regimes militares de cada país.
Palavras-chaves: América Latina, Copa do Mundo, ditadura civil-militar, consenso.

Abstract:
This paper is part of mi PhD research, "World Cup and society in Latin America: Brazil and Argentina in the`70". The proposal in this instance is to show some progress in the research ongoing, in this case a comparison between the speeches of the presidents of each country, General Emilio Medici Garrastazu of Brazil and General Jorge Rafael Videla of Argentina, during the competition and after the national selection wins the World Cup in 1970 and 1978, respectively. The goal is to buy as the discourses used sporting success for the official image and the national project that had the military regimes of each country.
Keywords: Latin America, World Cup, Civil-military Dictatorship, consensus.

Apresentação

As Copas do Mundo de Futebol realizadas pela FIFA não são apenas um evento esportivo internacional. Para muitos países, como Brasil e Argentina, este evento representa um momento de intensa manifestação de suas identidades nacionais, e também um espaço de tensões políticas. Desde sua primeira edição no Uruguai em 1930, quando o país celebrava os cem anos de sua independência, as Copas do Mundo foram realizadas sob a gravitação do contexto político de seu momento (Bufali, Boimvaser e Cecchini, 1994). Portanto, a utilização deste evento por

parte dos governos militares de Brasil e Argentina para alcançar algum tipo de consenso social não foi uma novidade. De fato, as Copas do Mundo são o momento máximo de expressão do nacionalismo através do futebol, pois é quando as nações são ratificadas em cada seleção nacional, e a metonímia de considerar a seleção de futebol pela nação que representa "muitas vezes serviu como arma ideológica a serviço de uma outra metonímia, mais perversa –aquela em que um governo se apresenta como nação (...) símbolos nacionais de diferentes ordens se fundem, bandeiras, hinos, cada elemento tomado peça em uma unívoca ideologia da superioridade nacional sobre o resto do mundo" (Gastaldo e Guedes, 2006, p. 8).

Durante a ditadura militar brasileira (1964-1985) ocorreram cinco Copas do Mundo -1966, 1970, 1974, 1978 e 1982-, enquanto no caso da última ditadura militar argentina (1976-1983) foram dois eventos -1978 e 1982. Porém, foram nas Copas de 1970 para o Brasil e 1978 para a Argentina que se constatou o fenômeno referido acima. É importante esclarecer que a pesquisa não considera as Copas do Mundo como parte de um projeto nacional das ditaduras citadas, mas sim um momento específico em que os militares de ambos os países utilizaram um elemento típico do imaginário nacional de suas sociedades em um sentido político. Assim, o mundo dos esportes foi um espaço utilizado pelos dois regimes para reproduzir idéias e modelos de um determinado tipo de sociedade.

Neste sentido, os discursos dos presidentes militares à população no ambiente esportivo foram fundamentais na criação da idéia de consenso através do esporte. A proposta deste trabalho é mostrar alguns elementos nos discursos proferidos pelo presidente brasileiro general Emílio Garrastazu Médici e seu par argentino general Jorge Rafael Videla na época da realização dos torneios em que as seleções de futebol de seus países saíram vencedoras. Tais momentos tornaram-se parte fundamental da renovação do consenso social que inicialmente permitiu os próprios golpes, utilizando um importante elemento da identidade nacional de ambos os países: o futebol.

1. Copas do Mundo em tempos de autoritarismo

No momento de realização das Copas analisadas, as sociedades brasileira e argentina estavam excluídas do jogo político e controladas por uma repressão que não permitia manifestações coletivas. Neste contexto, os governos precisavam trabalhar sua imagem constantemente, para assim gerar canais de aproximação com a sociedade, já que a via política estava desconsiderada. Uma importante saída foi a propaganda política e o apoio de importantes meios de comunicação.

No Brasil, a propaganda oficial ficava a cargo da AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas), subordinada ao Gabinete Militar. A AERP e a mídia foram capazes de fazer uma campanha onde estavam relacionadas as vitórias no campo esportivo com as vitórias do modelo militar, como se o êxito da seleção de futebol fosse um reflexo do bom momento do país (Fico, 1997). Era também o momento do "Milagre Econômico", com a economia em crescimento, outro importante tema para a propaganda oficial. Por outro lado, foi também o período de maior repressão à oposição política, e era importante para os militares alcançar um consenso que não fosse apenas resultado do autoritarismo.

O objetivo inicial da AERP era coordenar a comunicação entre o regime, os órgãos setoriais e a sociedade civil em geral, procurando assim obter um sistema político integrado que permitisse a execução do projeto militar[1]. Durante o governo Médici a agência buscava especialmente vender noções de cidadania e "guiar" a sociedade nesta direção, porém sem um discurso muito politizado, o que poderia afastar a população. Portanto, o objetivo era mostrar as "boas intenções" e as "boas ações" dos militares, da mesma forma que apontar as "ameaças" a serem combatidas: a falta de moral, o comunismo, etc. (Matos, 2003).

Nesta lógica, o principal meio de comunicação de reprodução do discurso do regime e de sua propaganda foi a televisão, especialmente através de mini-filmes elaborados pela AERP, porém não vinculados explicitamente a nenhum órgão do governo. Esta função que adquiriu o televisor também justifica o interesse do regime de que a maior parcela possível da população adquirisse este aparelho. As campanhas e filmes tinham como principal objetivo transmitir a impressão de um clima de paz e harmonia no país, já que os militares viam a discussão, a tensão e o debate público como sintomas de fragilidade. O objetivo das campanhas era mostrar o oposto, que a pátria vivia um clima de paz, resultado da intervenção e governança militar. Portanto, buscava-se transmitir à população a idéia de ausência de conflitos entre as classes sociais. A propaganda também foi uma arma ideológica importante para os militares porque criava a ilusão da participação da população no processo político. As campanhas oficiais enfatizavam o que o cidadão deveria fazer, seu papel no programa desenvolvimentista dos

[1] Para compreender a lógica da atuação da AERP e seu uso pelo governo é necessário também compreender alguns mecanismos e estruturas criados pelos militares que permitiram o desenvolvimento de um aparelho de investigação, propaganda e repressão estatal de grande eficiência, como o Serviço Nacional de Informações (SNI). Criado em junho de 1964, ainda no governo de Costa e Silva, foi somente no governo Médici que o SNI tornou-se a ponta de uma ampla rede de espionagem. No mesmo contexto, foi criado em 1969 o sistema Codi-Doi, uma complexa polícia política formada pelas polícias civil, feminina e militar, membros das três armas militares e também bombeiros. Eles possuíam independência operacional, porém não eram autônomos em relação aos oficiais e generais, e o sistema foi responsável pela maioria dos casos de tortura e extermínio da oposição ao governo (Fico, 2004). Segundo Carlos Fico (2004), o SNI e suas representações nos ministérios civis não estavam diretamente relacionados com a repressão física, e se mantinham basicamente como produtores de informações.

militares, construindo a idéia de que todos eram uma peça importante para alcançar o objetivo de crescimento nacional (Fico, 1997).

Por sua vez, em 1978, a Argentina estava no centro do debate internacional por dois eventos que seria sede: a própria Copa do Mundo de Futebol e o Congresso Internacional de Câncer. Na época, a imagem do país no exterior estava bastante associada às acusações de violação dos direitos humanos. Por isso, a principal preocupação do governo era sua imagem externa e sua repercussão internamente. Nesse momento a "subversão interna" já estava derrotada, e a nova ameaça era a "subversão externa", e também aqueles que acusavam o regime de violação de direitos humanos. Os militares chamaram tais acusações de "campanha anti-argentina", denunciando um movimento internacional contra o país por parte de organizações de Direitos Humanos, organismos internacionais e exilados no exterior (Franco, 2002).

Também em função da atenção que o mundo dava ao país naquele ano houve um forte aumento das já citadas denúncias contra as violações de direitos humanos e também contra o desaparecimento forçado de pessoas e o terrorismo de Estado. Estas denunciam eram originárias principalmente da Europa, onde as principais manifestações eram de grupos e partidos de esquerda, do governo dos Estados Unidos e da Anistia Internacional (Quiroga, 1996). Em seu discurso, os militares denunciavam o que consideravam uma campanha externa contra o país, resultado de um desconhecimento da realidade nacional por parte dos acusadores e também de uma ação da "subversão externa". Na verdade a "campanha anti-argentina" era uma re-atualização de uma antiga denúncia, existente desde o primeiro ano do regime, e em 1978 foi o momento que ela ganhou força (Franco, 2007).

Assim, a Copa do Mundo ocorreu quando os militares necessitavam renovar parte da legitimidade inicial do golpe de Estado, procurando apoio e consenso por parte da sociedade civil. Naquele momento o governo focava em medidas de reestruturação nacional, já que as conseqüências da política econômica ainda não eram visíveis. Logo, para a Argentina não apenas ganhar a Copa era importante, já que como país sede os militares puderam utilizar a própria organização do evento como propaganda a seu favor, e responder às acusações vindas do exterior.

Percebe-se, então, que as referidas Copas chegaram no momento ideal para as duas ditaduras, que procuraram através do esporte uma participação controlada da sociedade civil nos moldes militares. Depois de vários anos, os regimes militares não apenas permitiram uma manifestação popular, mas incentivaram e utilizaram as Copas do Mundo para festejar um "êxito nacional". Na lógica dos líderes militares de ambos os países, o êxito na Copa do mundo ultrapassava o limite esportivo, e por meio da propaganda política, os próprios líderes do regime

ficavam associados a esta vitória. A comoção nacional foi absoluta nos dois países e a vitória no futebol foi associada ao modelo de sociedade e nação imposto pelos militares.

2. Os militares e a bola

Se por um lado os argentinos tinham a vantagem da própria realização do evento em seu país, o general Médici tinha a seu favor o gosto pessoal pelo futebol. E soube utilizá-lo em momentos cruciais para aproximar-se da população. Da mesma forma, soube utilizar o bom momento econômico pelo qual o país passava. No início do ano de 1970, Médici fez questão de mostrar ao povo que o governo garantiu a possibilidade de ver os jogos da seleção ao vivo, tanto pela transmissão –que dependeu de interferência públicas pelos altos gastos- como pela possibilidade de comprar televisores. O regime trouxe, literalmente, a seleção para os brasileiros: "Solidariedade também é juntar-se às paixões da alma popular. E, nas asas dessa paixão, meu Governo se empenhou para que trouxéssemos o México à platéia de todos os lares do Brasil" (Médici, 1970).

Mesmo sem uma situação econômica favorável e ainda que não fosse fã do esporte como seu correspondente brasileiro, durante a Copa de 78 o presidente Videla soube aproveitar a imagem positiva do torneio. Ele fez questão de comparecer ao estádio, não apenas na abertura e no encerramento do evento, como é comum aos chefes de estado dos países sede, mas em todos os jogos da seleção argentina. Assim, o presidente conseguiu ser aplaudido seis vezes pelos torcedores argentinos nos estádios lotados. Quando questionado se essa presença constante não era por interesses políticos no evento, o presidente não hesitou em negar qualquer tipo de acusação: "Es cierto que he asistido a ocho encuentros de fútbol durante el desarrollo del Mundial y que esto no es una cosa usual para mí, pero le puedo asegurar que no lo he hecho por motivos políticos porque sería erróneo capitalizar el éxito que realmente le pertenece a todos." (Videla, 1978). Afinal, uma das chaves para o êxito do uso político da Copa do Mundo era exatamente ele não ser percebido pela população.

Ambos os presidentes enfatizavam que as vitórias eram do povo de seu país, nem só dos jogadores nem era exatamente dos regimes; era o povo o responsável pelo êxito. Partindo desta idéia, a próxima ação era incluir aos próprios presidentes como parte deste povo, do "homem comum". Ou seja, indiretamente, a conquista também era dos líderes, a partir do momento em que eles também eram parte do povo. Assim, não apenas criavam um canal de identidade com as massas como também canalizavam para si a vitória esportiva. Mas o faziam sem o culto ao líder

que marcou os governos de seus antecessores Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón, que tanto procuravam condenar e diferenciar-se.

No Brasil, o presidente Médici fez questão de marcar seu lugar como um torcedor mais: “desejo que todos vejam no Presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros, como um homem comum, como um brasileiro que acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo” (Médici, 1970). É possível perceber uma “humanização” do líder militar. Tanto Médici como Videla utilizaram a Copa do Mundo como veículo de diálogo e identificação com a sociedade. Assim, criaram um tipo de aproximação e imagem positiva frente a diversos setores sociais, como um torcedor mais na celebração pela conquista esportiva. Além disso, os presidentes criavam também, a partir da seleção, o modelo de cidadão do país: “Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro!” (Médici, 1970)

Torcedor, presidente e cidadão tornaram-se sinônimos. E entrava também nesta equação os jogadores. Na retórica oficial, a vitória só foi possível pelo empenho dos atletas, que agiam como modelo de cidadão, modelo este imposto pelos militares. O exemplo do discurso de Videla após o jogo contra o Peru que garantiu a seleção argentina na final simboliza esta associação: “Nuestros jugadores mostraron coraje, corazón y esas ganas de ganar que en todos los aspectos tiene el pueblo argentino” (Videla, 1978). O presidente defendia que a vitória era conseqüência da personalidade dos argentinos, lutadores, corajosos, que lutaram pelo título, representados nos onze jogadores em campo. De fato, em ambos os casos era a vitória do modelo de cidadania dos militares, representado na própria seleção de futebol: “A vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e serenidade dos capacitados, da técnica, do preparo físico e da categoria.” (Médici, 1970).

Outro ponto em comum no discurso dos dois líderes era a união nacional como condição para a vitória: “Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva” (Médici, 1970). No caso do presidente Videla, seu discurso enfatizou a união da torcida e da organização, da capacidade dos argentinos, que diversas vezes foi questionada, de organizar a Copa em seu país. Para o general argentino, a vitória representou a superação e a união nacional, em um país marcado pelos conflitos políticos.

Mas o ponto mais importante, também presente em ambos os discursos, foi a associação da vitória esportiva com um êxito maior, a vitória da própria nação. Em um comunicado à nação

alguns dias após o fim da Copa de 78, Videla fez questão de mostrar que o êxito era além do campo esportivo: “Ese grito de Argentina que surgió unánime de nuestros corazones, esa única bandera celeste y blanca que flameó en tantas manos, son signos de una realidad profunda que excede los límites de un acontecimiento deportivo. Son la voz y la enseña de una nación que, en la plenitud de su dignidad, se ha encontrado consigo misma.” (Videla, 1978).

Anos, antes, o presidente Médici também fez questão de associar à vitória da seleção canarinho em 1970 à um projeto nacional: “Na vitória esportiva, a prevalência de princípios que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional.” (Médici, 1970). Alguns meses depois, o presidente relembrou a vitória futebolística e comparou as comemorações populares à própria comemoração da Independência do país:

> Quero dizer ao povo que nunca, como neste ano, vi festejar-se, assim, a nossa Independência, em toda a extensão do território naciona1, com essa efusão e essa presença. E cuido que, sobre ser um eco ainda do justo orgulho do povo pela recente vitória desportiva, estamos diante de um sinal e de um estado de espírito. Diz-me a sensibilidade que este é um sinal de que desperta e se fortalece a vontade coletiva, estado de espírito indispensável ao desenvolvimento de uma nação (Médici, 1970).

No discurso do presidente argentino Videla, a Copa de 78 simbolizava uma nova etapa do Processo de Reorganização Nacional vencida pelos militares. Na lógica do regime, a ameaça “subversiva interna” tinha sido derrotada, e era o momento do povo argentino, em paz, mostrar seu valor e construir um novo país: “Es un día de jubilo para nuestro país. Por ello pido a Díos Nuestro Señor. Que este evento sea realmente una contribución para afirmar la paz. Esa paz que todos deseamos para todo el mundo y para todos los hombres del mundo” (Videla, 1978). Neste discurso de abertura da Copa, o presidente Videla enfatizava a oportunidade do país de encerrar definitivamente um período e recomeçar uma nova nação, claramente de acordo com o projeto militar. Já ao discursar no encerramento do evento, o presidente argentino ressaltou o que considerava a capacidade vencedora de seu povo, e reafirmou as novas responsabilidades que o país teria daí por diante:

> Argentinos: hemos sido capaces de vencer a la ingería y al escepticismo. Seamos ahora también capaces, con la ayuda de Dios de impulsar a la nación en pro de un objetivo permanente. Todos, gobernantes y gobernados, instamos en lo hondo la dignidad de constituir un pueblo, que consciente de su propia fuerza quiere edificar su futuro, con humildad y alegría; con pasión y con paciencia; con prudencia y con coraje. Esta experiencia colectiva que hemos vivido nos enseña a levantar esa Argentina, definitivamente fraterna con que hemos soñado. Si de verdad lo queremos, nada ni nadie nos detendrá (Videla, 1978).

Para o Brasil, a Copa era o resultado, mais do que um início. Claro que na lógica oficial ainda havia um longo caminho a seguir, mas em seus discursos o presidente Médici enfatizava o dever cumprido, em conjunto. Por sua vez, Videla também enfatizava a conquista coletiva, mas sempre marcando que aquele era o início da nova era, que ao mesmo tempo simbolizava o fim e uma etapa e o início de uma nova. Para Videla, a Copa mirava ao futuro; para Médici, ao presente.

Um dos momentos mais marcantes para os dois governos foi o contato com a população em espaços públicos durante as comemorações da conquista futebolística. Em 1970, o presidente Médici abriu as portas do Palácio da Alvorada, deixando a população entrar e assim participar junto da festa, enfatizando que o povo estava feliz, e celebrava pacificamente uma conquista nacional. Oito anos depois, foi Videla quem recebeu milhares de estudantes na Plaza de Mayo, em frente à sede do governo argentino, que foram agradecer ao presidente pela conquista esportiva, em uma manifestação clara de apoio ao regime. Eram espaços tradicionalmente marcados por lutas políticas, as ruas e praças públicas, e que por isso estavam fora do alcance popular no período autoritário. O que ambos os regimes conseguiram com a vitória na Copa do Mundo foi trazer novamente as massas para esses espaços tradicionais, porém agora controladas e fora da luta política. Militares brasileiros e argentinos conseguiram, assim, a tão buscada associação com as massas e uma controlada participação popular no governo, dentro de seus moldes e sob seu controle.

3. Considerações Finais

As primeiras análises comprovam que na lógica dos líderes militares de ambos os países o êxito na Copa do mundo ultrapassava o limite esportivo, e por meio da propaganda política os próprios líderes do regime ficavam associados a esta vitória. A comoção nacional foi absoluta nos dois países e a vitória no futebol foi associada ao modelo de sociedade e nação imposto pelos militares.

Tanto no Brasil como na Argentina, o futebol é um importante elemento de identidade nacional, que leva a sociedade a encontrar uma identidade coletiva, e ver-se como um conjunto, uma unidade, a pensar-se a partir da idéia de nação, e assim funcionando “como uma espécie de “reduto” do nacionalismo moderno, particularmente através da possibilidade de reitificação da nação em um competidor ou time, encurtando os caminhos para o processo de identificação” (Guedes, p. 4, 2002). Assim, a partir da idéia do outro, do estrangeiro, o indivíduo se reconhece como parte de uma determinada nação. Pode-se compreender o futebol como um elemento do

imaginário nacional que busca “construir a diferença no interior de um código que todos dominam e em uma prática a que todos atribuem valor, mesmo desigual" (Guedes, 2002, p. 5), o que permite que ele seja compartilhado por distintos grupos sociais.

É fácil entender porque o futebol, especialmente a Copa do Mundo, foi utilizado pelos referidos governos militares, que precisavam aproximar-se de sociedades que estavam politicamente excluídas e no qual a identidade nacional deveria passar por outro espaço que não fosse a política. O discurso futebolístico associado à nação foi então fundamental na retórica dos presidentes Médici e Videla, que tinham como objetivo principal associar a vitória na competição com seu governo e modelo de sociedade.

O discurso dos presidentes mostra a vitória deste modelo imposto pelos regimes. Procurou-se sempre glorificar qualidades coletivas que eram vistas como positivas pelos militares: organização, coragem, unidade, patriotismo. Os jogadores eram a personificação do “cidadão ideal”, que lutava pela pátria e mostrava suas virtudes para o mundo, assim como os torcedores, que cumpriram da mesma forma seu papel. E foi de grande importância nessa associação incluir aos presidentes como parte desta torcida, também como cidadãos exemplares, e mais ainda, como cidadãos comum. A partir desta “humanização” do líder foi possível criar canais de aproximação e diálogo entre Médici e o povo brasileiro, entre Videla e o povo argentino. Mas, apesar da aparente participação popular no próprio regime através das manifestações públicas, a principal característica desse diálogo era que, na verdade, ele tinha apenas um caminho: do governo à população, sem retorno.

4. Bibliografia

Fontes

Declaração do General Jorge Rafael Videla à BBC de Londres reproduzida pelo jornal Clarín, 28/6/78.

Discurso de abertura da X Copa do Mundo pelo presidente Jorge Rafael Videla.

Discurso de encerramento da X Copa do Mundo pelo presidente Jorge Rafael Videla.

Mensagem do General Jorge Rafael Videla ao país pelo rádio e pela TV, reproduzido pelo jornal Clarín.

"Na praça do povo" Discurso pronunciado no dia 25-1-1970, no 416º aniversário de fundação da cidade de São Paulo.

"O valor do homem brasileiro" Mensagem do Presidente Médici ao povo brasileiro, quando da vitória da Seleção no Campeonato Mundial de Futebol, a 21-6-1970.

"Ofício de todos nós" Pronunciamento feito, no Palácio Laranjeiras, durante a solenidade da assinatura da Lei que instituiu o Programa de Integração Social, a 7-9-70.

Livros

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Patria. El fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*, Buenos Aires, Prometeo libros, 2002.

_____. "Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil a través del fútbol". In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006, pp. 147-164.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, México, FCE, 1993.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol – uma paixão nacional*. Jorge Zahar Editor. RJ, 2002.

ARCHETTI, Eduardo. Fútbol: imágenes y estereotipos". In Devoto, Fernando e Madero, Marta. *Historia de la vida privada en la Argentina. Tomo III – La Argentina entre multitudes y soledades. De los años treinta a la actualidad*, Buenos Aires, Taurus, 1999, pp. 227-253.

BARROS, José. "História Comparada – um novo modo de ver e fazer a história". In Revista de Historia Comparada, vol. 1, nº 1, junho, UFRJ, 2007.

BLAUSTEIN, Eduardo e Martín ZUBIETA. *Decíamos ayer. La prensa argentina bajo el proceso*. Buenos Aires, Colihue, 2006.

BUFALI, Andrés Alberto, BOIMVASER, Jorge Daniel e CECCHINI, Daniel Guillermo. *El libro negro de los Mundiales de Fútbol*. Buenos Aires, Planeta, 1994.

DAMATTA, Roberto "Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro", In *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. "O ethos capitalista e o espírito das Copas" In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006, pp. 39-72.

FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FRANCO, Marina. "Derechos humanos, política y fútbol". Entrepasados. Buenos Aires, v.XIV, nº 28, 2005, p. 27 - 45.

_____ "La 'campaña antiargentina': la prensa, el discurso militar y la construcción de consenso", en Judith Casali de Babot e María Victoria Grillo (eds.),

Derecha, fascismo y antifascismo en Europa y Argentina. Argentina, Universidad de Tucumán, 2002, pp.195-225.

GASPARINI e PONSICO. *El director técnico del Proceso*. Buenos Aires, El Cid Editor, 1983.

GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud. "De pátrias e de chuteiras". In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006, pp. 7-12.

GILBERT, Abel e VITAGLIANO, Miguel. *El terror y la gloria – La vida, el fútbol y la política en la Argentina del Mundial 78*, Buenos Aires, Editorial Norma, 1998.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo, Nova Alexandria, 1999.

GUEDES, Simoni Lahud. *De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil*, XXVI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu (MG), 22 a 26 de outubro de 2002.

HOBSBAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWN, Eric e TERENCE, Ranger. *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas, Editora da Unicamp, 1997.

LLANTO, Pablo. *La Vergüenza de todos (El dedo en la llaga del Mundial 78)*, Buenos Aires, Editorial Madres de Plaza de Mayo, 2005.

MATOS, Heloíza. "O discurso político oculto na comunicação do Governo Médici". Líbero, Ano VI, nº12, 2002.

MILLIET, Raul (org.) *Vida que segue – João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.

NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. *Historia Argentina v. 9 – La dictadura Militar 1976/1983, del golpe de Estado a la restauración democrática,* Buenos Aires, Paidó, 2003.

QUIROGA, Hugo. "La verdad de la justicia y la verdad de la política. Los derechos humanos en la dictadura y en la democracia". In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *A veinte años del golpe con memoria democrática*. Rosario, Homo Sapiens Ediciones, 1996, pp. 67-86.

_____."La política en tiempos de dictadura y democracia". In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *Argentina 1976-2006 – Entre la sombra de la dictadura y el futuro de la democracia*. Rosario, Homo Sapiens Ediciones, 2006, pp. 69-96.

RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro, FGV/UFRJ, 1996.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

SIDICARO, Ricardo. "El régimen autoritario de 1976: refundación frustrada y contrarrevolución exitosa". In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *A veinte años del golpe con memoria democrática*. Rosario, Homo Sapiens Ediciones, 1996, pp. 9-26.

SOARES, Antonio J. "História e invenção de tradições no futebol brasileiro". In Alabarces, Pablo. (org.), *Peligro de Gol. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*, pp. 113-142, Buenos Aires, CLACSO, 2000.

_____, SALVADOR, Marco A. e BARTHOLO, Tiago Lisboa. "Copa de 70: o planejamento México". In Gastaldo, E. L. e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006, pp. 103-123.

THEML, Neyde e BUSTAMANTE, Regina M. Cunha. "História Comparada: olhares plurais". In Revista de Historia Comparada, vol. 1, nº 1, junho, UFRJ, 2007.